

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2008

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora de Barcarena

Estrada das Fontainhas

2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA: UMA RECORDAÇÃO PESSOAL

Luís Barros*

Um dia em conversa com o meu tio este disse-me que trabalhava com ele na redacção do Diário de Notícias um jornalista que era o Director do Centro Piloto de Arqueologia, uma instituição de que eu havia de gostar dado os meus interesses pela matéria. Em 1972 e num mês que não recorro fui ter com ele ao jornal e lá conheci o Dr João Salvado que me convidou a conhecer o Centro e a participar nas actividades. Por esta altura já eu e o meu amigo Pires andávamos a magiar a forma de criar um grupo em Almada e acabámos por ir os dois até Lisboa conhecer o tal Centro.

Ao chegarmos ao Palácio da Rosa havia muita agitação com malta nova a entrar e a sair de salas e lá encontramos o Dr. João Salvado, com quem falamos e nos foi integrando nas actividades do Centro. Lá fomos aprendendo a conhecer materiais, a lavar espólio e a ter contacto com os grandes mestres da época, Georges Zbyszewski e, em particular, com Octávio da Veiga Ferreira. As aulas que decorriam no Centro e o contacto pessoal que íamos tendo foi criando um ambiente informal em particular com estes dois investigadores que nos abriram as portas dos Serviços Geológicos de Portugal e nos acolheram e trataram, a nós simples adolescentes, como colegas. Era algo a que não estávamos habituados e que nos fez sempre ter por eles um enorme respeito. Mesmo muito atarefados como andavam tinham sempre tempo para nos ouvir, aconselhar e ajudar nas nossas muitas dúvidas e incertezas. Apareci muitas vezes carregado de "calhaus" que recolhia por Almada e com uma enorme paciência lá me explicavam o que era realmente obra humana e obra da natureza, mesmo quando a nossa imaginação criava grandes descobertas e depois tudo era reduzido à sua real importância, tudo era dito com tacto e em jeito de brincadeira para que saíssemos satisfeitos.

Depois da criação do Centro de Arqueologia de Almada em 1972 continuámos a contactar e a pedir ajuda e conselhos a Octávio da Veiga Ferreira que se mostrou sempre disponível para ajudar e participar connosco em acções de formação e divulgação e na identificação de peças que íamos encontrando.

Fomos uma geração privilegiada a que contactou com grandes figuras da nossa Arqueologia e que hoje são esquecidos e até maltratados por quem não vive nem tem as mesmas condições de trabalho da altura. Ninguém está isento de erros e é imune a críticas mas é fundamental sabermos enquadrar devidamente a actividade arqueológica nos respectivos contextos.

A Octávio da Veiga Ferreira também se deve em parte o meu gosto pela arqueologia e o facto de ter abraçado esta carreira, da mesma forma que a muitos outros colegas, uns que abraçaram da mesma forma a profissão e outros que ficaram mais sensibilizados e conhecedores da temática arqueológica mas em nada contribuiu para que o meu amigo Pires seja hoje o pároco da Costa de Caparica.

* Museu Municipal de Almada.